

Recortes do tempo na escrita do jornal

história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense

Karina Janz Woitowicz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WOITOWICZ, KJ. Recortes do tempo na escrita do jornal: história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense. In: *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 47-84. ISBN 978-85-7798-212-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Recortes do tempo na escrita do jornal

História e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense

“O fato ainda não acabou de acontecer e já a mão nervosa do repórter o transforma em notícia. O marido está matando a mulher. A mulher ensanguentada grita. Ladrões arrombam o cofre. A polícia dissolve o meeting. A pena escreve.”
(Carlos Drummond de Andrade)

“As páginas de um jornal morrem no mesmo dia em que nascem. E, no entanto, renascem no mesmo momento em que morrem. A cada volta que o mundo dá, o jornal cumpre o seu ciclo de vida. E leva a todos os seus leitores todas as informações que eles precisam para entender as voltas do mundo em toda a sua dimensão e grandeza. Esta é a história diária de um jornal. [...] As páginas de um jornal são páginas de história. E não morrem jamais”.
(ANDRADE, 1985).

A observação de Moacyr Andrade sobre o caráter aparentemente efêmero do jornal – presente no artigo “As páginas de um jornal podem ir para o lixo ou entrar para a história” – ilustra a importância do trabalho com as notícias enquanto registro dos acontecimentos de uma época e construção da própria historicidade por meio do dizer.

A partir de uma perspectiva que entende a imprensa como prática social e instrumento de constituição de modos de viver e pensar, procura-se analisar as principais características (em se tratando tanto de forma quanto de conteúdo) do jornal *Diário da Tarde* nos primeiros anos do século XX, a fim de compreender o espaço construído pelo jornalismo para “dizer” a realidade em meio aos acontecimentos da Guerra do Contestado.

Sabe-se que a leitura de um jornal desgastado pelo tempo é capaz de revelar uma série de características de um contexto mais amplo sobre o qual este mesmo jornal atua. Portanto, apontando para uma via de mão dupla, pretende-se neste capítulo esboçar, a partir da análise dos processos

midiáticos da Guerra do Contestado, possíveis “intromissões” da imprensa na sociedade curitibana e também do povo nas páginas dos jornais, tendo em vista o diálogo entre história e sociedade no jornalismo paranaense.

Para estabelecer esta relação, torna-se necessário recuperar historicamente o papel do jornalismo na sociedade brasileira, lançando mão de referências pontuais sobre o modo como se fez jornalismo nesta época e a importância da imprensa enquanto único meio de informação e transmissão de ideias e valores. Afinal, o período que envolve a Guerra do Contestado é igualmente um momento representativo também para a história do jornal no Brasil. A passagem do século XIX – que vivenciou grandes transformações como a abolição da escravidão, a proclamação da República, a ampliação acelerada do mercado interno e a imigração em massa, só para listar os momentos mais expressivos – para o século XX corresponde ao período de formação da imprensa nacional, isto é, da transformação de jornais que passavam de experiências isoladas e aventuras passageiras a grandes e estáveis empresas. A imprensa periódica, nesse contexto, ao construir espaços urbanos e participar de múltiplas disputas sociais, pode ser pensada enquanto experiência cultural, espaço de ideias e ações que se insere e se articula no cotidiano dos brasileiros.

De maneira mais ou menos acelerada, as cidades passam a sentir as transformações nos espaços urbanos e a efervescência de ideias e hábitos culturais. A imprensa, ao servir de mediadora e impulsionadora destas mudanças, torna-se uma dimensão importante da experiência social, um espaço privilegiado para compreender o modo de viver e conviver em sociedade.

Ao levar em conta este contexto histórico e social representativo para a imprensa e a sociedade da época, entende-se que, para elaborar uma análise dos discursos midiáticos pelo que eles significam em sua singularidade, torna-se oportuno mapear algumas características comuns à imprensa neste mesmo período, assim como o modo de se fazer jornalismo em meio às transformações sociais emergentes. Situar os jornais em um momento específico da imprensa brasileira oferece então algumas pistas sobre os procedimentos e tendências dos quais os jornais se utilizam para interagir com seu público. A possibilidade de encontrar regularidades e especificidades do jornal *Diário da Tarde* em relação a periódicos de algumas capitais brasileiras justifica, assim, a necessidade de um recorte da história da imprensa no Brasil capaz de orientar observações gerais sobre o jornalismo da época.

Pela investigação de algumas marcas presentes na folha de maior circulação do Paraná, busca-se perceber a presença do jornalismo na vida social e os traços de sociabilidade que ultrapassam os limites do papel. Trata-se de lançar o olhar sobre palavras e textos (muitas vezes de difícil compreensão aos olhos de leitores do século XXI), na tentativa de extrair do papel expressivos pedaços de significação que constituem o universo social da capital paranaense.

Forma e fazer jornalístico: a imprensa brasileira no início do século XX

As relações entre jornalismo e realidade oscilam e se complementam sempre, trazendo visível a marca da história. Por intermédio da observação destas relações pode-se remontar alguns dos momentos da imprensa no período estudado, a fim de perceber o papel do jornalismo no contexto das transformações cotidianas da realidade.

Neste sentido, torna-se indispensável resgatar algumas referências que permitem compreender o fazer jornalístico no início do século XX, para que se possa traçar as principais características desta prática na configuração dos acontecimentos e, conseqüentemente, projetá-las na identificação dos processos midiáticos no caso da imprensa do Contestado.

Para melhor compreender as formas de ser e de dizer da imprensa paranaense, assim como sua representatividade no período estudado, é importante ter presente um cenário mais amplo da prática jornalística realizada no Brasil no início do século XX, quando o país vivencia o crescimento demográfico e o processo de urbanização das cidades. Não por acaso, a imprensa se insere no cotidiano da sociedade e participa ativamente dos acontecimentos que marcaram a história contemporânea.

Interessa-nos, portanto, levantar algumas referências sobre este importante momento da imprensa em transição, identificando possíveis marcas deste fazer jornalístico nas páginas do *Diário da Tarde* e percebendo em que medida a imprensa traduzia tendências, tensões e formas de sociabilidade no referido período.

É sempre difícil traçar limites cronológicos para a caracterização das etapas evolutivas de uma instituição qualquer. Mais ainda para a imprensa, que jamais teve uma evolução sincronizada e sistêmica... Basta

lembrar do considerável atraso para a implantação da imprensa brasileira: três séculos depois da instalação da tipografia na América espanhola e dois séculos após o surgimento na América inglesa é que o Brasil ingressaria no período histórico da “galáxia de Gutenberg”. E também cabe lembrar a lentidão da imprensa em termos de desenvolvimento e expansão pelo território nacional.¹

Mesmo considerando os diferentes ritmos de desenvolvimento do jornalismo no território nacional – e sendo o Paraná ironicamente o último estado a registrar a presença da tipografia, em 1854 –, serão utilizadas para esta recuperação histórica obras que registram e discutem as etapas evolutivas do jornalismo, mais especificamente no que se refere ao momento de passagem da imprensa “artesanal” para o modo “industrial” de se fazer jornalismo.²

De um modo geral, os historiadores e pesquisadores da comunicação mencionam que, até meados do século XIX, a imprensa, tanto a oficial ou oficiosa como a de oposição, caracteriza-se por um grande envolvimento com as disputas políticas, atuando como uma espécie de tribuna de luta contra ou a favor das diversas causas que empolgam o país.³ Os jornais, ainda que não descartassem o interesse em vendas e anúncios, eram feitos basicamente para veicular uma determinada mensagem (variável segundo cada jornal, obviamente), que podia ser de interesse pessoal, político ou literário do próprio jornalista ou de algum grupo que ele representasse. Conforme analisa Gisela Taschner, em estudo sobre o grupo *Folhas*,

-
1. Segundo José Marques de Melo, os motivos para a dificuldade de consolidação da imprensa brasileira devem-se, sobretudo, a uma série de fatores socioculturais como o analfabetismo, a censura, a ausência de urbanização, a precariedade da burocracia estatal e a insipiência das atividades comerciais e industriais.
 2. Esta caracterização é utilizada por Nelson Werneck Sodré ao se referir à assimilação do caráter mercantil da informação, que contamina a imprensa nas primeiras décadas do século XX.
 3. Em relação às características marcadamente políticas da imprensa até o final do século XIX, Gisela Taschner destaca o caráter combativo: “De estilo panfletário, com periodicidade inconstante, jornais feitos por poucos redatores, muitas vezes por um único, têm nos pasquins e panfletos os seus exemplos mais extremos: estes últimos, muitas vezes, não passavam do primeiro número. Os panfletos eram assinados, os pasquins não. Cada número era voltado para um único tema, não tinham uma organização empresarial e usavam linguagem extremamente virulenta” (TASCHNER, 1992, p.28).

São muito frequentes, nos estudos sobre a imprensa, as referências ao jornalista “antigo”, que escreve “com paixão”, “porque gosta”, ao seu caráter “não-profissional”, “não-burocrático”, à sua “vida boêmia”. Mas a lógica que preside a elaboração da mensagem pode ser também a lógica política: defender ou atacar determinada causa ou elemento do sistema de poder ou o próprio sistema de poder. (1992, p.29)

Esta lógica pautada no posicionamento político confere ao jornalismo praticado até o final do século XIX um caráter de parcialidade e comprometimento; não concretamente com a informação, mas com as alianças polarizadas nas correntes liberal e conservadora que agiam na imprensa. Segundo Francisco Rüdiger, “o regime jornalístico dominante, que não pode ser compreendido fora das relações sociais vigentes, seguia as regras e finalidades ditadas pela racionalidade política” (1993, p.45).

As transformações políticas e econômicas que se operam no final do século – cujos indicadores mais significativos são a libertação dos escravos e a substituição da monarquia pelo regime republicano – trazem novas configurações à sociedade brasileira. E também à imprensa, que deixa de ser um canal de comunicação utilizado exclusivamente pela classe dominante e passa a servir de instrumento para manifestação dos interesses e disputas das classes trabalhadoras. Isso vai coincidir com o nascimento das primeiras empresas jornalísticas que, a exemplo das experiências europeias e estadunidenses, “mantêm jornais como fonte não apenas de poder político, mas também de lucro” (MELO, 1985, p.123).

A partir de fins do século XIX, algumas mudanças se fizeram sentir na imprensa. Não apenas em se tratando do desenvolvimento das técnicas de produção, com a utilização da litografia e da gravura, como também na lógica de mercado que passou a reger a atividade jornalística. As inovações tecnológicas – utilização de máquinas rotativas, linotipos e surgimento das bobinas de papel – também influíram sobre as características dos jornais, que evoluíram para o formato *standard* e puderam ampliar suas tiragens, aproximando-se do modo de produção “industrial”. De outro lado, os jornais, ao assumirem contornos mais empresariais, dão início a modificações no processo do trabalho e no próprio estilo, adotando o jornalismo literário noticioso (que teve seu apogeu entre os anos de 1890 a 1920) e especializando-se na difusão de notícias e discussão de assuntos de atualidade, desvinculando-se gradualmente do comprometimento doutrinário.

Embora com algumas variações de datas, pode-se observar na história de muitos países uma ligação imediata e muito nítida entre o desenvolvimento do jornalismo e a preparação ou eclosão da revolução burguesa; o modo de produção capitalista, no momento em que se consolida, exige também uma nova organização política da vida social. Na análise de Vladimir Hudec, “foi precisamente o jornalismo que, refletindo e influenciando toda a vida das nações, se tornou um instrumento indispensável de apoio dos processos revolucionários que tinham um crescente impacto diário sobre as massas” (1980, p.22). A partir deste enfoque, pode-se estabelecer a relação entre a imprensa e as transformações econômicas e políticas que foram consolidadas com a penetração de novas concepções de vida no ambiente social.

Assim, acompanhando o processo de modernização e as transformações em curso na sociedade, o jornalismo vivencia a substituição da pregnância do campo político pela análise dos movimentos de mercado. Mas, conforme observa Rüdiger, isso não quer dizer que a imprensa deixou de ser política; “apenas que a nova empresa jornalística não expõe seu nome” (1993, p.63). A imprensa torna-se, a partir de sua expansão e desenvolvimento, um importante campo de produção e difusão de ideias, hábitos e comportamentos da vida urbana, figurando como mediadora e impulsionadora de acontecimentos da vida pública.

Sabe-se, inicialmente, que essa imprensa pautava-se essencialmente nos telegramas oficiais (reproduzidos na íntegra) e em uma forma romaneada de se fazer jornalismo, verificada pelo uso abusivo de adjetivos para reforçar um determinado ponto de vista e por narrativas e retóricas próximas ao discurso literário (como crônicas e artigos). Foi a partir da década 1880 que, dentro deste “padrão” jornalístico, ocorreu a proliferação de jornais, com o crescimento de assinaturas e de anúncios; neste período, intensificaram-se os órgãos de imprensa e de resistência, partindo da necessidade de “fazer a opinião” nas páginas dos periódicos. O historiador Nelson Weneck Sodré assim descreve o papel da imprensa nesta época: “Questões e reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, e esta ampliava a sua influência, ganhava nova fisionomia, progredia tecnicamente, generalizava seus efeitos – espelhava o quadro que o país apresentava.” (1999, p.223)

Nos fins do século XIX, um importante marco para o desenvolvimento da imprensa é registrado: “a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial; a imprensa aproxima-se, pouco a pouco,

dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa” (SODRÉ, 1999, p.261). Passou-se, então, a caracterizar o jornalismo como empresa, da pequena à grande, e a compra da opinião, segundo o historiador, tornou-se parte da rotina dos jornais.

A imprensa, no início do século, havia conquistado seu lugar, definido sua função, provocado a divisão do trabalho em seu setor específico, atraído capitais. Significava muito, por si mesma, e refletia as alterações que estavam mais ou menos definidas nos primeiros anos do século XX.⁴

Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que o jornalismo se configura como o espaço público das ideias, a crítica de alguns intelectuais se manifesta: o jornal passava a operar como um reforço ao esquema de corrupção do regime. A projeção de pessoas, ideias, opiniões e obras dependia em boa medida das campanhas jornalísticas financiadas.

Único meio de comunicação social de ampla penetração no período, quem quer que, pela posição, relação ou recursos, tivesse condições de influir sobre uma ou um conjunto de redações, teria plena projeção pública, recebendo dividendos na forma de mercados, solicitações, notoriedade, respeitabilidade, convites, promoções; o que aumentaria ainda mais sua publicidade numa roda-viva em crescimento permanente. (SEVCENKO, 1983, p.173).

Sobre este momento de transição na forma e na feitura jornalística, Luiz Garcia, no artigo “Era uma vez...”, observa que “foi preciso esperar pelo século XX para que nascesse o jornal/empresa – politicamente mais ativo, mas já trabalhando a informação como mercadoria a ser vendida pelo seu valor intrínseco, e não pelo serviço que representasse para quem a veiculava” (RITO, 1989, p.31). O próprio movimento de expansão da imprensa periódica, acompanhando o processo de formação e transformação do espaço urbano, torna visível a participação da sociedade nas páginas dos jornais, que passam a servir como focos fundamentais de formulação,

4. Sobre as principais mudanças da imprensa em seu caráter empresarial, Werneck Sodré assinala: “Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores.” (1999, p.275)

discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e difusão de projetos e produtos.

Ao demarcar seu papel e sua atuação, a imprensa “empresarial” se consolida nas primeiras décadas do século mantendo estreitas relações com a publicidade, caminhando então para um novo tempo, em que seria, nas palavras de Sodré, “muito mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal: e ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal” (1999, p.315). Em relação à dependência da propaganda como via de sustentação da imprensa, Heloisa de Faria Cruz assinala:

Com a virada do século, a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações comerciais e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda. Anúncios e reclames passam a constituir parte característica e importante de um periódico de sucesso. Através da propaganda, a cidade-mercado penetra na imprensa periódica, denotando a crescente fruição de bens e serviços no espaço urbano. (2000, p.156)

Esta nova constituição empresarial, além de alterar a relação da imprensa com seu público leitor e sua atuação na sociedade, demarca também características peculiares ao modo de dizer dos jornalistas. A imprensa, ao consolidar seu predomínio sobre a produção literária, institui novas temáticas e formas de escrita, que emergem da proximidade do periodismo à produção ficcional. Os literatos vivenciam de forma tensa e contraditória as novas condições de profissionalização e produção cultural.

Trata-se, assim, de uma época caracterizada por uma enorme liberdade de criação literária, mas com relativo espaço para impulsos políticos. Contudo, a contestação de questões religiosas, abolicionistas, eleitorais, monarquistas *versus* republicanas e de mudança institucional, retratada nos mais diversos jornais, configurou um perfil singular à atividade da imprensa nos anos seguintes.

Dados e textos recuperados no estudo de Sevckenko possibilitam apreender algumas pistas sobre a estrutura social da nação na virada do século XX: o número de analfabetos no Brasil, segundo estatística oficial, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.356, isto é,

sabiam ler apenas 16 ou 17 em 100 brasileiros. Entre os países presumidos de civilizados, difícil seria encontrar tão alta proporção de iletrados, o que permite concluir que o que se produzia era “uma literatura de poucos, interessada a poucos” (SEVCENKO, 1983, p. 88). Daí o descontentamento de alguns intelectuais, como Rui Barbosa, quando avaliavam que o público brasileiro sofria de “dispepsia literária”.

O analfabetismo quase total da população brasileira neste momento histórico impedia o desenvolvimento de um amplo mercado editorial. Os intelectuais viram-se, em consequência deste cenário, compulsoriamente arrastados para o jornalismo, o funcionalismo ou a política.

Em contrapartida, o desenvolvimento do jornalismo neste período representa o fenômeno mais marcante na área da cultura, com repercussões sobre o comportamento da sociedade. Trata-se da “idade de ouro da imprensa”: o mercado em expansão constante, a adoção de novas técnicas de impressão e edição, que permitiam o barateamento da imprensa, além do acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria intensificaram o consumo de produtos culturais pelo público alfabetizado. “Esse novo jornalismo, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom tom sob a atmosfera da Regeneração” (SEVCENKO, 1983, p.99), explica o autor, mencionando a formação de uma opinião pública urbana orientada pelos homens de letras que preenchiam as redações.

Para Cruz, trata-se do momento em que predominam as marcas do universo da República bacharelesca e pré-modernista: “o processo de absorção e contaminação do tom sisudo e empolado, moldado no parnasianismo, típico da linguagem acadêmica, é experimentado por diferentes publicações do período” (CRUZ, 2000, p.172).

Como literatura e imprensa se confundiam, daí as repercussões no periodismo dos jornais; a imprensa vivia tanto da literatura como esta vivia da imprensa, conforme descreve Sodré:

O noticiário era regido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda pelos literatos é confundido com literatura. As chamadas informações sociais – aniversários, casamentos, festas – aparecem em linguagem ‘melosa’ e misturam-se com as correspondências e crônicas de namorados, doestos e desafetos pessoais. (SODRÉ, 1999, p.283).

Em seu livro-ensaio *O Mez da Grippe*, o escritor Valêncio Xavier, ao resgatar nos jornais paranaenses a construção da gripe espanhola em 1918, revela algumas características de um estilo jornalístico contaminado pela literatura, em que se privilegiava a descrição pormenorizada dos fatos, como em uma novela.⁵ Apropriando-se dessa linguagem, os jornais eram carregados de textos longos em suas quatro páginas, em poucos casos explorando as ilustrações, charges e caricaturas. E havia uma multiplicidade de segmentos sociais que dispunham de seus órgãos de imprensa, embora, de modo geral, competissem com os grandes jornais-empresas quanto à escassez de equipamentos e de material. A imprensa operária, que surge e se desenvolve no início do século, é exemplo disso. Seguindo uma linguagem combativa, encontra um espaço para manifestar as mais diversas opiniões no “fazer jornalístico”, muitas vezes utilizando-se da ironia como uma característica linguística.

Nicolau Sevcenko, ao resgatar a literatura no período republicano, observa que a nova grande força que absorveu quase toda a atividade intelectual do início da República foi sem dúvida o jornalismo. Crescendo emparelhado com o processo de mercantilização na cidade, o jornalismo invadiu impassível territórios até então intocados e zelosamente defendidos. Os jornalistas – retratados pelo pesquisador como ditadores das novas modas e dos novos hábitos – chegavam a desafiar e a vencer a própria Igreja na disputa pelo “controle das consciências”.

Nada embaraçava a expansão vitoriosa do jornalismo, de fato; muito menos os pudores das consciências mais escrupulosas. Sua força e sua ação, quer sobre as classes conservadoras, quer sobre a massa de caixeiros, aventureiros e funcionários de toda espécie, é uma evidência indiscutível. Suas campanhas contra os velhos hábitos e pela implantação de novos costumes, a criação de um clima geral de euforia e otimismo da Regeneração e do smartismo são talvez a primeira manifestação de um fenômeno de manipulação de consciências em massa no Brasil. (SEVCENKO, 1983, p.101).

5. O seguinte texto, publicado pelo jornal *Commercio do Paraná* em 22 de outubro de 1918, ilustra as marcas enunciativas deste “dizer” jornalístico: “Quando o povo se achava aglomerado em frente ao botequim, chegou ali Maria Esteves, noiva do assassinado, que pedia para ver o cadáver do seu noivo: pedido a que os guardas depois de muita relutância resolveram acceder. A infeliz noiva, a ver o cadáver do jovem amado, cahiu debruçada em lágrimas, lamentando a sua triste sorte.” (XAVIER, 1998, p.16)

Ilustrativo deste tipo de reflexão sobre o jornalismo praticado pelos intelectuais e literatos transparece na obra de Lima Barreto, “República de Bruzundanga” – uma espécie de “Os Sertões” às avessas, em que o autor apresenta a opressão burguesa e oligárquica – quando percebe criticamente o papel do jornal na produção das ideias, das opiniões e da cultura: “Quem não aparece no jornal não aparecerá nem no livro, nem no palco, nem em parte alguma – morrerá. É uma ditadura”. (SEVCENKO, 1983, p.244).

Essa “grande imprensa”, que se insere e se desenvolve no cotidiano da sociedade nas primeiras décadas do século XX, passa a ser vista por determinados segmentos sociais como um meio para a “domesticação” da opinião segundo interesses políticos ou empresariais. Nas palavras de Honoré de Balzac, em *As ilusões perdidas*:

Em vez de ser um sacerdócio, (*a imprensa*) tornou-se um meio para os partidos e de um meio passou a ser um negócio. Não tem fé nem lei. Todo jornal é uma loja onde se vendem ao público palavras da cor que deseja... Um jornal não é feito para esclarecer, mas para lisonjear as opiniões... (BALZAC, 1978, p.175).

À parte estas críticas ao modo como se conduziam as tendências deste jornalismo em transição e suas implicações, é inegável constatar que as mudanças experienciadas pela imprensa no referido período marcaram um momento específico da história do Brasil em que a sociedade e o periodismo passaram a manter vínculos de reciprocidade mais definidos, uma vez que o jornal traduz e participa do movimento de transformação da sociedade e, da mesma maneira, permite “intromissões” do povo em suas páginas.

Interessa-nos, a partir de algumas referências pontuais sobre esse modo de fazer jornalismo característico das primeiras décadas do século XX, compreender a escrita como espaço em permanente tensão e cooperação com o estado político, a organização social e o nível cultural dos brasileiros, servindo como campo de (re)constituição das relações e dinâmicas que regem o movimento da sociedade.

Imprensa e cotidiano paranaense em (trans)formação

O presente texto convida a um mergulho no tempo pelas páginas de jornais antigos. O cenário? O ambiente da imprensa que se desenvolveu na capital paranaense nas primeiras décadas do século XX. O foco de interesse? Descobrir como os diversos setores da sociedade produzem, traduzem e alteram a realidade por meio do trabalho com as notícias. O caminho? O próprio jornal, entendendo-o como agente dos acontecimentos e dos processos de transformação por ele noticiados.

No entanto, para compreender e decifrar algumas marcas do jornalismo paranaense pela leitura do *Diário da Tarde*, torna-se necessário situar historicamente o desenvolvimento da imprensa paranaense e a presença do referido jornal no contexto social do período referente à Guerra do Contestado. Sendo o Paraná o último estado brasileiro a contar com o surgimento da imprensa⁶ – tendo como registro deste marco a implantação da “Typographia Paranaense” em Curitiba, de onde saía, em 1º de abril de 1854, o primeiro número do jornal *O Dezenove de Dezembro*, que circulava aos sábados – somente em 1884 foi possível conhecer a primeira folha diária (o próprio jornal *O Dezenove de Dezembro*). A partir desta data registra-se na história da imprensa paranaense a proliferação de jornais de diferentes grupos e estilos, como os de imigrantes, clubes, folhas noticiosas, literárias e esportivas.

Pode-se dizer que o jornal *Diário da Tarde* – o mais antigo do Estado – acompanhou e participou de maneira significativa dos principais acontecimentos da história do Paraná desde seu surgimento, em 18 de março de 1889.⁷ Mais do que isso, o jornal representou um importante veículo de informação e transmissão da cultura, sociabilidade e trajetória política da capital paranaense, servindo como porta-voz de tendências, tensões e posicionamentos da sociedade em momentos distintos da vida pública.

6. Registros históricos revelam que a instalação da tipografia no Paraná acontece em decorrência da criação da Província: “Ao inaugurar o governo provincial, a 19 de dezembro de 1853, Zacarias de Góis de Vasconcelos incluiu entre as suas primeiras providências a criação de uma impressora, a fim de atender às necessidades da administração, relativamente à publicação dos atos oficiais. Ao deslocar-se para a nova província, Vasconcelos convidara Cândido Martins Lopes para montar aqui a sua oficina tipográfica, até então instalada em Niterói.” (PILOTTO, 1976, p.07).

7. Ainda em 1899 são registrados mais nove periódicos, destacando-se “Esphinge”, de Dario Vellozo, “Revista Literária”, “Tribuna do Paraná” (de ataque ao governo) e “Oito de Dezembro” (órgão da Associação Curitibana de Empregados no Comércio).

Oswaldo Pilotto reproduz o objetivo do fundador do *Diário da Tarde*, Estácio Correia, ao fazer circular um jornal “em virtude da necessidade que sente o nosso Estado de uma folha que seja, entre as lutas partidárias, um elemento ponderativo.” Mas, com sua “ponderação” – complementa o historiador – esbarrou muitas vezes no desagrado de muitos que foram alvos de seus ataques, em circunstâncias várias. Para se ter uma ideia do perfil inicial do jornal e do interesse em torná-lo acessível às camadas populares, a crônica redigida por Euclides Bandeira é bastante expressiva:

Teve o seu ilustre fundador, o saudoso dr. Estácio Correia, a visão perfeita do panorama social: preparou-se para a rude batalha de abater o consuetudinário sistema (queria referir-se à distribuição de jornais somente a anunciantes) e, por outros caminhos, introduzir o jornal nos hábitos populares. O que se fazia mister, antes de tudo, era atrair a atenção pública. Estácio apelou para estratagemas inocentes, mas por fim inócuos: encheu a cidade de fantasmas, de preferência no alto de São Francisco e atrás do cemitério. Notícias impressionadoras de aparições terríficas. A imaginação, em delírio, de Poe e Hofmann perpassava nas 4 páginas. O artifício deu ponto. O dr. Estácio Correia, porém, cometeu grave erro de psicologia: não procurou, concomitantemente, interessar o leitor assim desperto, em outros assuntos; sobreveio o fastio pelos lobisomens e a folha entrou em franco declínio, sendo o seu proprietário constringido a transá-la. Contudo, aproxima-se o naufrágio... Quis, porém, o destino, a periclitante galera fosse ocupada por decidida equipe, valoroso contingente de uma das mais rútilas gerações literárias. Cheia de ardor e de novidades. (PILOTTO, 1976, p.31).

Segundo Oswaldo Pilotto, o autor da crônica refere-se especificamente a uma das seções – “Vitrina do Diabo”, “chistosa, esfusante e mordaz” – que mais tarde passou a difundir diversas temáticas da vida social: “debates impávidos em torno de atos e fatos administrativos, questões políticas, econômicas e religiosas, letras, artes, ciências (...); em vez de fantasmas, a transcrição da realidade” (PILOTTO, 1976, p.31). Informa, ainda, a propósito, a instituição de “reportagens sensacionais, porém verídicas, ficando célebre o ‘furo’ dos ‘banhos de toalha’, cruéis surras de espada, sob muito sigilo, nos presidiários.”

Com um estilo popular, manifestando os problemas e as conquistas da capital paraense e traduzindo seu processo de desenvolvimento

urbano, o jornal consolida-se como a folha de maior circulação no Paraná. Mesmo passando por mudanças de diretoria e, conseqüentemente, linha editorial⁸ (uma característica comum ao jornalismo da época), o reconhecimento do jornal junto ao público transparece nos espaços dedicados às correspondências e na própria cobertura dos acontecimentos, em que o jornal anuncia “estar sempre junto ao povo, refletindo o seu sentir, nos momentos de prazer como nos dias de luto e sofrimento” (06/10/1913).

Em relação aos demais jornais existentes na época, o *Diário da Tarde* figura como o mais avançado tecnicamente, assim como o que mantém maior adesão e reconhecimento do público leitor. O próprio jornal, ao divulgar as qualidades de sua produção, aponta também alguns aspectos da formação e da organização da imprensa paranaense e das perspectivas da imprensa curitibana na década de 1910:

Na correspondência anterior falamos da imprensa diária como calão por onde se mediria com acerto a intelectualidade do povo. De fato, a imprensa de Curitiba não desmente o nosso asserto. Entre os jornais matutinos publicam-se “A República”, órgão oficial do Estado, amenizadas as publicações oficiais pela colaboração constante de um corpo de redação literário e recreativo; o “Comércio do Paraná”, folha independente, noticiosa e variada, com excelente serviço telegráfico interno e do exterior com uma feição caracteristicamente moderna. Os vespertinos são o “Diário da Tarde”, jornal moderno, bem feito, noticioso, redigido com elevado critério, variado e que a gente lê com prazer e fica satisfeito de ter bem empregado os 100 réis de seu custo. O serviço telegráfico nada deixa a desejar; é completo e variado; os assuntos tratados que requerem a emissão de conceitos são feitos com elevação de análise, sem paixões e a sua redação conhece o cumprimento do dever da imprensa no guiar o juízo político, o faz de modo a calar no espírito a verdade e a justeza dos seus comentários. Foram momentos felizes aqueles que passamos na redação do “Diário da Tarde”, em visita a seus redatores.

8. Entre os proprietários do *Diário da Tarde* tem-se registro de Estácio Correia, Euclides Bandeira, Raul Rodrigues Gomes, Generoso Borges, Jayme Ballão, Ulysses Vieira, Oliveira e Plácido e Silva – embora outros diretores, grupos e associações também tenham percorrido a história do jornal –, até que na década 1950 assume a direção Francisco Cunha Pereira Filho, do grupo Gazeta do Povo.

Por último vem “A Noite”, redigida por Caio Machado, jornal pouco noticioso, mas prenhe de estudos literários e pesquisas locais de colaboração assinada. Se outro valor a imprensa diária de Curitiba que esse que viemos de notar, bastava o de não ser partidária para demonstrar o alto caráter desses rapazes, seus redatores, para bem merecer do favor público, que não lhe falta (04/12/1912).

Não faltam argumentos e referências que procuram evidenciar o desenvolvimento da imprensa paranaense e as características de um jornalismo “profissionalizado”, sem vínculos partidários e comprometida com a verdade dos fatos. Além dos constantes textos sobre a atividade jornalística e a adoção de discussões sobre o progresso e a vida cultural da cidade, procura-se outras formas discursivas para dar visibilidade a esta questão, como sugere a entrevista com Amadeu do Amaral, redator de “O Estado de São Paulo”, em visita a Curitiba. Sob o título “Impressões do Paraná”, o jornalista do *Diário da Tarde* obtém a seguinte resposta referente ao questionamento sobre o meio intelectual e a imprensa no Estado:

Eu já conheço, há muito, o meio intelectual do Paraná (isto é, os belletristas), que me interessa pela sua operosidade e pela sua feição própria, inconfundível. Os nomes de Emiliano Pernetta, Silveira Netto, Dario Velloso, Sebastião Paraná, Romario Martins, Jayme Ballão, Seraphim França, Júlio Pernetta e outros, já eu os trazia de cor há vários anos, da leitura das revistas, jornais e livros aqui publicados. Surpreende um pouco a vitalidade e o valor dessa legião, relativamente numerosa... Os jornais do Paraná, já tenho tido ocasião de dizer, fazem honra a si e ao meio, com os recursos que há. Outras capitais mais antigas não podem gabar-se de possuir uma imprensa moderna e esclarecida como a de Curitiba. (10/11/1913)

Neste quadro da imprensa em fase de expansão e desenvolvimento (das técnicas de fazer e de dizer o jornalismo), o *Diário da Tarde* assume representativo destaque, investindo em correspondentes de diversas cidades e noticiando os problemas e conquistas de diferentes regiões do Estado. Pode-se dizer, baseando-se na representatividade do jornal na época, que as relações entre a imprensa e a sociedade paranaense vão se acentuando de tal forma que, em determinados momentos, o jornal define-se como mediador dos interesses do povo e dos poderes que orientam os rumos dos acontecimentos.

Igualmente interessante é analisar como a história da imprensa é contada e tematizada pelo próprio jornal, seja pela divulgação da aquisição de novas máquinas, seja pelas entradas e saídas de jornalistas, servindo como instrumento de registro e atuação sobre o percurso histórico da imprensa paranaense. Ilustrativos desta questão são os textos sobre a mudança de propriedade do jornal e do desenvolvimento técnico que se operam nos periódicos da época; nesta perspectiva, o *Diário da Tarde*, em setembro de 1912, sob a propriedade de Jayme Ballão, anuncia a mudança de 4 para 8 páginas, sendo o primeiro do Estado a fazer a tiragem com este número. Acontece, neste momento, uma verdadeira reformulação do jornal, com a implantação e ampliação de agências urbanas e suburbanas nos principais bairros da cidade e agentes no interior e no litoral.⁹ O jornal noticia com otimismo este marco para a imprensa paranaense:

Esta folha inicia, hoje, a sua publicação com oito páginas, diariamente. É, pois, o *Diário da Tarde* o primeiro jornal, no Estado, que faz a sua tiragem com tal número de páginas. Era essa uma necessidade nossa e do público. Nossa, porque não podíamos atender, convenientemente, ao numeroso serviço de anúncios com que somos favorecidos, bem como a outras publicações; do público, porque não nos era dado, com quatro páginas apenas, satisfazermos os contratos de publicações ineditoriais nem desenvolver a parte noticiosa. Era assim uma grande aspiração nossa tirar o *Diário da Tarde* com oito páginas. Estes últimos dias, devido às experiências de nossas máquinas, lutamos com algumas dificuldades, que pudemos vencer, felizmente, não deixando de dar o *Diário* um dia sequer, apesar de estarem nossas oficinas em completa reorganização.

Fizemos agora aquisição de mais uma esplêndida máquina linotipo – Mergenthaler – sistema americano, de maneira que, com as outras máquinas de composição que já possuímos, encontramos-nos aparelhados para fazer frente a qualquer exigência do serviço.

Estamos em negociações com uma máquina rotativa de impressão, que será a primeira que o Paraná vai possuir. Com a rotativa, poderemos desenvolver ainda mais o *Diário da Tarde*, que, como vêem os nossos leitores, não

9. Em 27 de setembro, o jornal divulga a atuação de seguintes correspondentes: Paranaguá – Leopoldino Rocha; Morretes – Manoel Pinto dos Santos Antonim, Rocha e Pisanço; Rio Negro e linha de São Francisco – Barão Dreifus; Palmeira – Ercílio Ramiro de Assis; Ponta Grossa – Madeireira, Irmão & Guimarães.

Recortes do tempo na escrita do jornal

poupa esforços nem sacrifícios para corresponder a aceitação pública, tornando-se um jornal moderno e que procura, sempre, atender aos interesses do povo com o auxílio do qual vive, desdobrando-se em atividades pelo engrandecimento da terra paranaense. (27/09/1912)

O conteúdo do texto traz, além do desenvolvimento técnico amplamente comemorado pelo jornal, referências que mostram o próprio desenvolvimento da capital. Ao que tudo indica, a ampliação do serviço revela uma demanda maior de anúncios e notícias (nesta ordem, evidentemente), e da própria formação de um público letrado que faz do jornal um espaço de diálogo entre temas comuns. Contudo, a avaliação mais exata sobre a difusão da imprensa apresenta-se difícil de ser realizada – uma vez que os dados quantitativos sobre a difusão e a circulação dos jornais, as informações sobre tiragens, assinaturas distribuídas e vendas avulsas são, de modo geral, raros e descontínuos. Sobre esta imprecisão encontrada em análises da imprensa e estudos históricos, Heloisa de Faria Cruz observa:

Nos reclames de difusão desses periódicos na imprensa diária ou nas avaliações de época sobre o desenvolvimento da imprensa, obtém-se alguma informação isolada sobre a tiragem desse ou daquele jornal, a importância de venda de assinaturas na estrutura de financiamento de tal publicação, as estratégias de comercialização de uma terceira. Mesmo na literatura mais recente sobre a imprensa no período, a questão do alcance e difusão das publicações periódicas é muito pouco discutida. Na verdade, a ausência de indicadores mais seguros sobre tiragens e circulação de tais publicações, a realização de análises quantitativas mais refinadas fica na dependência de um esforço coletivo de construção de séries e índices, que a historiografia brasileira ainda não conseguiu realizar. (CRUZ, 2000, p.137).

Diante deste “vazio” quantitativo, buscou-se algumas pistas sobre a formação de um público leitor nos próprios textos veiculados no jornal que, indiretamente, abordam parte das rotinas produtivas e da dimensão do público leitor. Partindo deste percurso, estima-se que a tiragem do jornal é de cerca de dois mil exemplares. Não existe um registro preciso referente ao número de assinaturas e exemplares avulsos vendidos; contudo, o texto divulgado pela redação por ocasião da morte do coronel João Gualberto, que se imortalizou na história oficial paranaense por morrer precocemente

no primeiro conflito com os sertanejos do Contestado em Irani, oferece informações importantes sobre a tiragem do *Diário da Tarde* e, também, sobre o destaque dado ao acontecimento que envolveu uma figura pública :

Somos forçados a dar o nosso jornal, hoje, com 4 páginas apenas, pois adoeceu, repentinamente, um dos nossos impressores, não tendo sido possível encontrar um substituto. E não é de admirar ter adoecido esse nosso auxiliar, dado o extraordinário serviço destes últimos dias, em que foram sextuplicadas as nossas tiragens, que ascenderam a dez e doze mil exemplares diários. (30/10/1912)

A expectativa e o otimismo iniciais manifestados pelo jornal, em se tratando do desenvolvimento técnico que possibilitou o aumento do número de páginas, no entanto, não se sustentam por muito tempo. Em 1913, passando por um momento de crise financeira, o jornal volta a circular com quatro páginas, pertencendo então a uma sociedade anônima “com elevado capital”. A partir de 16 de agosto de 1915, a propriedade do jornal passa a ser de Ulysses Vieira, apresentando significativas mudanças na linha editorial. Algumas pistas desta mudança podem ser encontradas no seguinte editorial redigido pelo diretor do *Diário da Tarde*:

Há um ano, nesta data, assumimos a direção e redação desta folha, que logo após se tornou de nossa propriedade. Quando nos abalancamos a tomar conta do *Diário da Tarde* sabíamos perfeitamente das responsabilidades tremendas que passariam a pesar nos nossos ombros. Uma solução de continuidade estabelecera-se na vida triunfal do grande jornal que a pena fulgurante de Euclides Bandeira alevantara e prestigiara; em que pese a rudeza da verdade encontramos esta folha em doloroso estado de decadência material, moral e intelectual. Competia-nos, para salvar as tradições do *Diário da Tarde*, pelo amor que sempre votamos a este cotidiano, não medi sacrifícios, não contar com dissabores, para realização dos nossos intuitos. Foi enorme o nosso esforço, colossais os obstáculos que se nos depararam. Além da força de vontade que nos animava, reunimos em torno de nós moços ilustres e delicados e afluiu para a nossa folha a colaboração valiosa de jornalistas e escritores de nome feito e brilhante.

Entramos na arena com o pé direito: fomos reconquistando a popularidade de sucesso em sucesso, resultante de campanhas memoráveis da mais estron-

Recortes do tempo na escrita do jornal

dosa repercussão. O nosso triunfo não se restringiu a atraís simpatias para a folha; ampliou-se o número de leitores na capital, duplicou-se o número de assinantes, fez recrudescer os anúncios de balcão, mau grado os efeitos perdurantes da crise. A empresa que dava déficits avultados passou ao regime dos saldos, estando, presentemente, com os seus já diminutos compromissos perfeitamente em dia. (...) Podemos dizer que o mais difícil da nossa obra está feito. O mais é darmos tempo ao tempo, prosseguindo nós no empenho de fazer do *Diário da Tarde* uma folha essencialmente informativa.

Assinalando a passagem dessa data, deixamos aqui as nossas congratulações aos nossos dignos companheiros de jornada. (16/08/1916)

O texto de Ulysses Vieira refere-se a uma ruptura com a fase de “decadência” vivenciada pelo jornal até então e o esboço de um jornal mais interessado em oferecer informações e debater questões de interesse da elite letrada curitibana. Interessante notar que é entre os anos de 1913 e 1914 que o jornal mais se aproxima das preocupações notadamente de interesse “popular”, fase esta em que se verifica uma maior interação com o leitor (com a publicação de cartas e opiniões diversas) e mesmo a inserção explícita do posicionamento do jornal, por meio de campanhas promovidas pelo periódico. Na fase posterior, pode-se dizer que o jornal assume o perfil literário-noticioso, ampliando a participação de colaboradores (literatos). Seguindo a mesma linha, o proprietário posterior – que assina como D’Oliveira –, ao assumir a direção, manifesta um tipo de “neutralidade” e compromisso com os interesses coletivos que, nas décadas seguintes, contaminam a imprensa nacional, fornecendo um esboço do que seria o jornalismo propriamente informativo.

Deixou ontem a direção dessa folha o advogado e jornalista patricio, dr. Ulysses Vieira. A direção, dizemos, porque me acho autorizado a assegurar aos leitores do *Diário da Tarde* que o ilustre continuará a prestar-lhe todo o concurso de sua inteligência. De como foi brilhante a sua passagem por esta casa, podem dar testemunho os leitores deste jornal. E, ao assumir hoje um tão pesado encargo, é-me grato reconhecer e proclamar esse fato. Bem sei que não é pequena a carga que tomo sobre os ombros, qual a de dirigir um jornal que tem sido o baluarte da opinião livre do povo paranaense. Não sou, porém, um novel nas lides da palavra e da imprensa. E por isso espero continuar a merecer a confiança dos apreciadores, assinantes e anunciantes do “*Diário da Tarde*”.

Na medida das minhas forças procurarei orientar a opinião pública, agindo de frente e resolvendo todas as questões de interesse coletivo. O governo e as autoridades terão no “Diário da Tarde” um colaborador; não o anima propósitos de incondicional apoio, nem de oposição sistemática. O Diário será franco, dirá a verdade como o amigo que deseja o bem e procurará justificar sua opinião.

As classes conservadoras poderão buscar aqui a nota que sempre aqui tem vibrado. Desde meus primeiros anos foram de minha predileção os assuntos econômicos, agrícolas e industriais, bem como aproveitarei de minha passagem por esta casa para propagar um certo número de idéias sobre a instrução pública. Sobre a momentosa questão de limites, minha opinião a respeito do acordo já foi publicada nestas colunas; mas a despeito de minha opinião individual este jornal continuará a ser o eco da opinião livre, a favor ou contra o acordo.

Por educação e por índole sou adepto da mais ampla e completa liberdade quanto à manifestação do pensamento, com a natural restrição no que se refere às ofensas pessoais. Minha pena jamais se moveu para agredir a quem quer que seja. Nas violentas polêmicas em que por vezes me hei envolvido, minha atitude foi sempre de rigorosa defensiva.

Continua este jornal aberto à colaboração dos artistas da palavra cujas produções serão recebidas nesta casa com agrado e distinção.

Finalmente, este jornal pugnará pelas leis de reforma social em benefício das classes operárias, a quem sempre votei especial carinho. Com estes princípios, espero que o “Diário da Tarde” continuará a ser o que sempre tem sido, uma sentinela avançada do povo de minha terra. (07/10/1916)

A história de rupturas e continuidades, mudanças e desafios do jornal fornece alguns elementos que permitem traçar o modo como se organiza a imprensa nesta época e a própria sociedade paranaense, com seus desejos de desenvolvimento urbano e social. Os processos de adaptação e modificação percorridos pelo jornal tornam-se, portanto, referência importante para compreender o movimento de consolidação do discurso jornalístico na inscrição da Guerra do Contestado e seus reflexos na vida cotidiana.

Em meio às mudanças operadas em toda a trajetória do jornal, sua função como produto social manifesta-se pela maneira de agregar pessoas, grupos ou categorias no contexto mais amplo da sociedade paranaense. Por meio do trabalho com múltiplas formas, temas e objetivos, criam-se vínculos, disseminam-se visões de mundo e configuram-se alianças. A imprensa

adquire assim, nas palavras de Maria Céres Castro, “a função de potencialização das vozes, estreitamento de laços, criação de identidade e possibilidade de visibilidade pública aos interesses, aspirações e desejos de indivíduos e grupos que se radicam no espaço da cidade” (CASTRO *et al.*, 1996, p.33).

Mas, que relação o jornal estabelece com a vida cotidiana dos paranaenses? De acordo com o recenseamento de 1900, divulgado por Romário Martins (s/d), a população total do Paraná era de 331.509 habitantes, sendo a maioria residente em áreas rurais¹⁰, superando os 450.000 habitantes nos primeiros anos da década 1910. Registros da época recuperados por Sílvia Araújo (1992) descrevem a capital como um centro onde existiam mais de 30 sociedades, clubes e instituições de ordem popular, seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, uma litografia, oito jornais, dois dos quais eram diários (ARAÚJO, 1992, p.39).¹¹

Dados mais precisos ou impressões sobre o cenário da capital e do Estado, como assuntos presentes em praticamente todas as edições, aparecem também como registros do próprio desenvolvimento paranaense. Assim, um espaço para estatísticas de nascimentos e óbitos é publicado semanalmente no jornal, além de outras referências gerais que procuram mostrar o processo de expansão da sociedade na época. Percorrendo os referidos periódicos no período estabelecido, é possível encontrar tais informações deslocadas em diversos espaços, o que contribui para uma tentativa de mapeamento das condições socioculturais em que se verifica o desenvolvimento da imprensa.¹²

10. Segundo Jorge Caldeira, em “Viagem pela história do Brasil”, em 1890, o Brasil estava com 14,3 milhões de habitantes – população que, desde a década de 1870, vinha crescendo de maneira acelerada devido à entrada maciça de imigrantes. No início do século, cerca de 80% da população brasileira vivia em áreas rurais; entretanto, a cidade impunha-se como centro dinâmico da vida nacional (CALDEIRA, 1999, p.228). Na busca pela criação e/ou descoberta de uma identidade – ao país e aos estados brasileiros – os jornais assumem papel marcante, promovendo a (re)definição da cultura letrada.

11. O *Diário da Tarde*, em meio a notícias e textos literários e opinativos, também divulga algumas impressões sobre a cidade, como o texto “O Paraná de hoje”, redigido por um viajante à capital. No artigo, aparecem referências à indústria da erva mate e da madeira movimentando a economia do Estado; à exportação de pinho; ao comércio da cidade (abastecido nos mercados europeus, principalmente alemão), além da existência de “duas livrarias e uma casa para a venda de jornais nacionais e estrangeiros, políticos, industriais e magazines - aquela pouco servida de obras de ciência e arte e quase que exclusiva de literatura, dessa literatura fácil e barata de romances de sensação e escândalo”. (04/12/1912)

12. Estatísticas publicadas em 09/07/1912 no *Diário da Tarde* revelam os seguintes números: “Nascimentos - registram-se durante o ano de 1910, no Estado, 11428 nascimentos de filhos

O estudo de Sílvia Araújo e Alcina Cardoso, opondo-se ao desenvolvimento cultural otimista esboçado pelo redator do jornal *O Estado de São Paulo* em entrevista ao *Diário da Tarde*, indica que “a restrita ação transformadora das atividades econômicas primárias e suas limitadas relações de produção explicam, em parte, a moderação que marcou a vida intelectual paranaense; esta recebeu impulso das contribuições culturais dos imigrantes europeus, adoção de novos hábitos e experiência de vida operária politizada” (ARAÚJO, 1992, p.39).

Sobre o papel da imprensa em meio a este cenário político e cultural, as referidas autoras destacam:

A imprensa em geral consistia em exercício do poder político. Os jornais de grande circulação formulavam apoio ou crítica aos governos, reproduziam idéias do exterior e expandiam o pensamento liberal. Essencialmente burguesa, a imprensa conquistava lugar como arauto das ideias políticas abolicionistas, republicanas e descentralizadoras. Ao defender a liberdade econômica e política, a igualdade entre seus pares e a propriedade privada, a filosofia liberal ganhava as páginas dos jornais e consolidava no poder as classes oligárquicas. Prerrogativa de grupos dominantes locais, a imprensa desenvolveu-se baseada no acúmulo de capital e expandiu-se reafirmando o poder de classe. (ARAÚJO; CARDOSO, 1992, p.135).

Embora esta abordagem esteja pautada na disputa entre classes por meio do jornal – o que justifica a existência de uma burguesia que consolida os projetos de imprensa na época e se utiliza desse poder para reafirmar seus interesses –, a observação é oportuna para ilustrar o modo como se polariza a linha editorial dos jornais na época: a favor ou contra o poder hegemônico. No entanto, para além da identificação da postura do jornal estudado no período do Contestado, interessa analisar em que medida as regularidades e eventuais rupturas que permeiam o discurso jornalístico neste momento específico produzem sentido ao se movimen-

legítimos, sendo a média diária de 31 e o coeficiente de 28,57 por mil habitantes. Casamentos: 3147; óbitos: 5405, havendo uma diferença de 6023 nascimentos em favor da população do Estado.”

Em se tratando das condições de ensino, verifica-se em 20/11/1912, no mesmo jornal, que o Paraná ocupa o 8º lugar nos Estados, sendo o 3º que despende somas mais elevadas à sua receita. Divulga-se também que 5 mil crianças em Curitiba não freqüentam as escolas.

tarem entre fatos, fontes e argumentos pró e/ou contra os grupos envolvidos no conflito.

A pesquisa parte do princípio que a análise da mídia – tomada como componente de uma esfera capaz de reproduzir a experiência social – permite identificar e compreender as relações entre os processos evolutivos da sociedade, da imprensa e das formas de inscrição da historicidade. Mas, para isso, não basta investigá-los, inquiri-los, tentar apreendê-los; são eles que formulam suas questões. Buscar o sentido e o fim de cada um dos elementos que compõem a imprensa em uma determinada época requer, portanto, o encontro com o dito e o vivido que perpassa as experiências produzidas e registradas pelo jornalismo.

Traços e caligrafias do *Diário da Tarde*

O contato com o formato e as diferentes temáticas e abordagens utilizadas pelo *Diário da Tarde* no período referente à Guerra do Contestado promove um certo tipo de aproximação com o objeto estudado, contribuindo na percepção de determinadas nuances de significação presentes na escrita do jornal. Nesse sentido, analisar o modo como o periódico se estrutura e organiza seus assuntos e formas de dizer, no contexto da vida curitibana, pode ser representativo para uma leitura da imprensa no caso Contestado.

“Stereotypado e impresso em machinas rotativas Marinoni”, o *Diário da Tarde* assume papel importante junto à opinião pública (letrada) especialmente em seu editorial na primeira página – que, via de regra, é a matéria principal –, discutindo alguma polêmica ou acontecimento mais ou menos relevante da vida cotidiana.

Um recurso marcante nessa imprensa é o uso do telégrafo, que se expressa na abertura da notícia sob a nomeação de “Pelo Telegrapho”, um serviço especial do jornal. As notícias por correspondência, tanto nacionais quanto internacionais, ocupavam uma parte considerável, pois o periódico mantinha correspondentes de diversas cidades do Estado – como Castro, Ponta Grossa, Paranaguá etc – que informavam sobre política e assuntos policiais, em sua maioria, ou reproduziam notícias nacionais, do exterior ou anúncios oficiais.

Um outro recurso utilizado pelos jornais da época era a citação/transcrição do noticiário de outros órgãos de imprensa, fossem eles da

própria cidade, fossem do interior, de outros estados ou países. O *Diário da Tarde* tem como principais fontes os jornais *O Paiz* e *Correio da Manhã*, ambos do Rio, que repassam informações sobre as decisões e os fatos recentes da capital federal.

A publicidade, como principal fonte de sustentação dos jornais, ocupa diariamente cerca de um terço do espaço dos jornais analisados. Das quatro páginas que o jornal publica em 1912, a terceira é toda dedicada à divulgação de produtos como perfumes, moda e medicamentos (para sarna ou brotoeja e purgativos, mais comumente) e serviços (como vendas, contratações etc), além de informações de utilidade pública (doenças, higiene e afins) associadas ao comércio de produtos diversos. No ensaio “De Liberty a Marinoni: feição e feitura jornalística”, de Paulo Bernardo Vaz, a presença da publicidade é analisada da seguinte forma:

A venda de espaços para anúncios publicitários se amplia na proporção do desenvolvimento das atividades comerciais. Dessa forma, a imprensa vai tomando impulso à medida que se transforma em mídia publicitária. Fenômeno de “transvestimento”: a publicidade toma a forma do jornalismo, pela insuficiência da mídia. Prenuncia, com sua vestimenta própria e adaptações gráficas, outra face da imprensa no futuro. (CASTRO *et al.*, 1997, p.57).

A publicidade, sem lugar fixo no espaço do jornal, costuma aparecer também na última página, juntamente com a programação cultural do Theatro Guayra, Smart-Cinema e Eden Theatro, artes e artistas nacionais e estrangeiros, eventos festivos e diversões públicas, além de poemas, versos e folhetins. Estes últimos, com espaço reservado na última página do jornal, contam com leitores assíduos (conforme demonstram as correspondências publicadas no jornal referentes aos folhetins “Mocidade Louca”, “Eva Triunfante” e “A Schulamita”) ao divulgarem a cultura letrada por meio de romances da vida real.

Vale lembrar que, no menu dos jornais, a literatura também não podia faltar. Vinha sob a forma de textos avulsos, em verso e prosa, ou de folhetins que se revelaram uma verdadeira febre na imprensa nacional. Para Maria Céres Pimenta Spínola Castro, no ensaio “A aventura da imprensa”, os folhetins são a expressão do atraso técnico dos jornais brasileiros, na medida em que preenchiam as lacunas das coberturas dos acontecimentos políticos que, pela velocidade de sua sucessão,

difícilmente poderiam ser acompanhados com as técnicas disponíveis (CASTRO *et al.*, 1997, p.23).

Verificando o processo de transformação da imprensa no qual ela evolui de uma fase política, panfletária e literária para uma fase em que o jornal assume o caráter de empreendimento, pode-se identificar também no *Diário da Tarde* o crescimento do noticiário local – ao lado das seções de telegramas, das crônicas, dos folhetins – abordando vários aspectos da vida da cidade, explorando elementos do cotidiano, enriquecendo a pauta de assuntos tratados pela imprensa. Aparecem seções dedicadas às reclamações de moradores sobre problemas da cidade, registros de epidemias e indicações de providências tomadas pelo governo, notícias diversas de assuntos políticos, agenda cultural e coluna social. Enfim, um menu variado que inclui assuntos relativos à vida nacional e local, traçando o papel, as características e as repercussões da imprensa no momento histórico determinado.

Queixas do povo construindo um espaço público na imprensa

O diálogo e a relação entre o jornal e a sociedade paranaense se faz presente não apenas na publicação de dados estatísticos sobre o desenvolvimento da capital, notícias políticas ou policiais e serviços de utilidade pública. Há, também, um espaço relevante de produção simbólica que faz transparecer as imbricações entre o público e a atividade da imprensa: a coluna “Reclamações”, contendo queixas da população sobre os mais diversos assuntos (características da cidade, deficiências dos bairros etc.), publicada diariamente no *Diário da Tarde*.

Reunindo problemas emergentes da cidade em formação, o jornal pautava temas de interesse público e se colocava ao lado das necessidades e aspirações do povo, assumindo-se como porta-voz dos descontentamentos dos paranaenses. Os textos que seguem expressam claramente esta questão:

Um dos maiores deveres municipais é zelar pela higiene pública. Para isso, cumpre-lhe desdobrar o esforço, pois, de ação nesse sentido, dependem a saúde e a vida da população. Entre nós, porém, esse dever tem sido descuidado. Poderíamos apontar centenas de exemplos que reclamam a contra

incúria e o descaso municipais a respeito. Mas não queremos repisar contas tão conhecidas contra o que o público vive a clamar. Citemos, apenas, a falta de fiscalização nos quintais, principalmente nos estabelecimentos que estão em contato com o público. Em algumas dessas casas, verdadeiros depósitos de imundície, nem se pode penetrar, mesmo fazendo uso de desinfetantes, a não ser que esteja com o olfato estragado. Em muitas delas o lixo, os detritos de peixes e mariscos podres, são acumulados durante dias exalando odores. E quando vão retirar estes detritos, o mal cheiro é tal que o quarteirão inteiro fica dele tomado. (02/07/1912)

Moradores da Travessa da Ordem e das ruas Graciosa e Ignácio Lustosa pedem-nos que chameis a atenção do sr. prefeito para os serviços de escoamento da água. (12/11/1913)

Já que a nova câmara está empenhada em dotar a nossa capital dos melhoramentos de que ela necessita, acho oportuno o momento para solicitar dos senhores camaristas que dêem um jeito a fim de arranjar um par de olhos e uma, pelo menos, fossa nasal para o chefe de fiscalização ou para algum dos empregados da higiene municipal. Só assim pode ser que se extinga o foco de miasmas que é o trecho da rua Marechal Deodoro, entre as ruas Marechal Floriano e 1º de março.

É um martírio para as famílias que moram em casas que não têm quintal o problema da limpeza. Os carrinhos de lixo não têm dia nem hora certa para passar nas ruas e o serviço é feito ao arbítrio dos encarregados. Assim que precisa a gente botar alguém de plantão, à porta, para ver, quando por acaso surge algum carrinho, que seja conduzido o cisco colocado em caixão ou lata na porta da rua. Confiamos na boa vontade dos novos edis, pois que eles, verdadeiramente escolhidos pelo povo, não deixarão de cuidar de casos como esses e outros semelhantes. (22/10/1912)

Higiene pública, lixo, mal cheiro, abastecimento de água, prevenção de moléstias, calçamento, criminalidade. Estes problemas – que ainda pautam notícias da atualidade, vale destacar – são alguns dos vários assuntos tratados como “reclamações” do povo nas páginas do *Diário da Tarde*. Trata-se de um forte laço que se estabelece com o leitor, tornando visível o papel do jornal na realização dos interesses coletivos. Com maior ou menor grau de ironia, conforme demonstram os textos transcritos, são

cobradas medidas do governo no que diz respeito à situação da cidade; eventualmente, porém, as providências tomadas também são divulgadas pelo jornal.

Além do espaço específico para reclamações, também surgem abordagens semelhantes dispersas no interior do jornal, mantendo aceso o debate sobre questões fundamentais do contexto da época. No período observado, foi possível notar a predominância de textos que discutem a estrada de ferro, nas mais diversas situações: ora do ponto de vista do operário-trabalhador, ora do desenvolvimento possibilitado pelo transporte, ora da empresa responsável pela obra (a Brazil Railway Company). Interessa, aqui, revelar o papel do jornal como porta-voz dos problemas e mobilizador das conquistas que se operam entre o dizer e os seus reflexos.

Em meio a este campo polêmico, os interesses do povo ganham sentidos variados. Polarizada a discussão entre os problemas e benefícios do assunto de maior relevância na época, não demoram a aparecer opiniões variadas sobre as condições da estrada de ferro e os grupos ou pessoas atingidos e descontentes. Admitindo que “começou a reação popular”, o jornal publica reclamações em forma de cartas de leitores, como a missiva que segue, escrita por trabalhadores da estrada de ferro, em que denunciam as injustiças que vinham sofrendo.

“Muito agradecemos a publicação da missiva que vos enviamos. Nós procuramos, dirigindo-nos ao *Diário da Tarde*, registrar as injustiças de que somos vítimas, nós que trabalhamos de sol a sol e que, além de ganharmos uma insignificância, recebemos a paga dos nossos serviços, depois de 10, 15, 20 ou mais anos, com um ponta pé, sem a menor consideração. E isto sem o menor motivo, a título de economia ou para encostar qualquer estrangeiro que aqui aponta. As coisas não podem continuar assim e, como já dissemos, não será de admirar que, de um momento para outro, tomemos a nossa justa represália. Ao *Diário da Tarde*, pois, deixamos aqui o nosso reconhecimento.”

Essas injustiças já tinham chegado ao nosso conhecimento, sabendo-se que, nestes últimos tempos, a estrada de ferro tem despedido em massa empregados cheios de melhores trabalhos, o que está produzindo grande indignação no pessoal. (08/03/1913)

Na história do *Diário da Tarde*, momentos significativos de envolvimento do periódico com o contexto social da época se manifestam. No transcorrer da Guerra do Contestado, verificou-se, em meio ao movimento de sentido registrado em diferentes desfechos e momentos específicos do conflito, o posicionamento explícito do jornal em relação a questões de interesse público. Talvez, o mais expressivo deles seja o lançamento de uma campanha a favor dos sertanejos, em que o jornal chega inclusive a apontar figuras públicas reconhecidas do governo e das forças armadas como responsáveis por injustiças e mortes.

As críticas, embora não se apresentem em forma de queixas, tornam visível a contradição de ideais, interesses e ações que envolvem os episódios da Guerra do Contestado. O longo texto publicado no *Diário da Tarde* em resposta às manifestações contrárias aos ataques discursivos motivados pela defesa dos sertanejos expressa as dimensões da campanha.

Nessa campanha que levantamos e sustentamos com o aplauso do povo que nos lê, jamais acusamos a guarnição da 11ª região como culpada pela mortandade dos fanáticos. Responsabilizamos por ela, sim, o sr. Vidal Ramos, que precipitadamente invocou o auxílio de força federal para bater uns míseros desgraçados. Quanto ao exército, ao contrário, sempre lhe fizemos a justiça de reconhecer que ele estava cumprindo o seu dever, executando ordens superiores. Censuramos, é verdade, o coronel Almeida, pelo incêndio de ranchos de fanáticos, uma barbaridade perfeitamente inútil. Fizemo-los baseados em informações que nos foram passadas pelo nosso abnegado emissário coronel Rocha Tico.

E agora digamos: o “*Diário da Tarde*” é que na realidade tem sido o defensor do exército. Pondo em execução a idéia que havíamos pregado, provocamos a manifestação favorável do sr. Vidal Ramos. Em seguida, enviamos para a região conflagrada dois emissários, que empregaram os possíveis esforços para obter a dispersão pacífica dos fanáticos. Tentamos assim poupar ao nosso soldado a tristeza e a dor de entrar numa luta inglória contra irmãos transviados da rota da civilização. E, mais do que isso, fomos os únicos a profligar as altas autoridades por deturparem a missão do exército brasileiro.

Entretanto, fique claro: o “*Diário da Tarde*” foi sempre, e mais uma vez nesta campanha, um amigo e defensor dos interesses das forças armadas, tanto assim que, pugnando pela pacificação, manifestou sempre suas

apreensões pela possível e inglória efusão de sangue dos nossos soldados; mas, se tivéssemos tido motivos para atacar os atos da guarnição, fa-lo-famos com o mesmo desassombro que nos tem sido peculiar em toda a nossa existência de jornal. Todos os homens públicos estão sujeitos à crítica da imprensa, quando ponderada e justa. É triste a Nação em que uma classe, embora muito nobre e digna, se considerasse intangível à apreciação do modo por que ela desempenhasse sua missão no seio da coletividade. (28/02/1914)

Ao permitir a participação de diversas vozes no “campo polêmico”¹³ construído na imprensa, o jornal participa das principais disputas que se operam no cotidiano da sociedade, mostrando seu papel e sua força na definição e visibilidade dos acontecimentos. Entre palavras elogiosas, denúncias, queixas e campanhas de opinião pública, o *Diário da Tarde* encena sua atuação na vivência dos diversos grupos sociais que nele ecoam.

O jornal “dizendo” a cidade

Neste modo peculiar de organizar temas que devem ser digeridos pela sociedade, a capital e seus traços de urbanidade também se veem tematizados nos textos dos jornais. As crônicas, ainda que de forma tímida – inicialmente publicadas apenas nos sábados sob o título de “O tempo e a cidade” – começavam a aparecer nas páginas do *Diário da Tarde*, valorizando o espaço literário e divulgando impressões diversas sobre o ambiente social. É desnecessário lembrar que no período estudado o discurso jornalístico se constrói sobretudo pela ação do cronista que, tematizando sobre a vida cotidiana, com especial preferência pelos costumes e pela política, produz a visibilidade de certos acontecimentos que, de outra forma, seriam inacessíveis ao habitante da cidade. Usando o registro ficcional, as crônicas veiculavam as impressões do autor acerca do cotidiano da cidade, impingindo-lhe um tom crítico por meio da ironia ou do humor.

O *Diário da Tarde* esboça, em sua coluna “Dizendo”, um retrato da capital paranaense, por meio de artigos e crônicas sobre o desenvolvimento

13. A referência de “campo polêmico” aqui utilizada baseia-se na noção proposta por Maurice Mouillaud em “O jornal da forma ao sentido”.

social e cultural da cidade. Assuntos, polêmicas e valores morais (como divórcio, beijos, questões de comportamento) fazem parte da agenda básica de temas que entram nas páginas do jornal diariamente, assim como conquistas que conferem à capital a atmosfera de “progresso”, conforme sugere o seguinte artigo:

Vai fazer uma semana que Curitiba tem a satisfação de ver circular pelas suas pobres ruas lamacentas os tramvways elétricos. O nosso povo, de ordinário tão indiferente, tomou-se de um vivo entusiasmo ao contemplar esses veículos rápidos e macios que dão à nossa capital o aspecto de cidade moderna. Esse entusiasmo era extremamente justo porque os elétricos fizeram desaparecer um sistema de viação urbana que desde muito tinha se incompatibilizado com os nossos foros de cidade civilizada e progressista. (16/01/1913)

Interessante perceber que o jornal atualiza notícias e debates em torno de assuntos que envolvem a formação do povo de um modo geral e, na maioria das vezes, assume caráter “civilizador”, apontando os defeitos (sociais e morais) da população e indicando os caminhos do progresso. Nesta perspectiva, é preciso lembrar que as primeiras duas décadas do século XX experimentaram a vigência e o predomínio de correntes realistas de nítidas intenções sociais, inspiradas nas linhas intelectuais características da *Belle Époque* (fundamentada no tripé ciência/raça/civilização). Nicolau Sevcenko analisa o papel da literatura – difundida por meio de livros e especialmente de jornais e folhetins – como um importante espaço para a manifestação das principais tendências da época pelo confronto e pela publicização de ideias.

Os tópicos que os intelectuais engajados enfatizavam como as principais exigências da realidade brasileira eram: atualização da sociedade como o modelo de vida europeu, modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população. Toda essa elite europeizada esteve envolvida e foi diretamente responsável pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro. (SEVCENKO, 1983, p. 77).

O contexto ideológico da época, fortemente influenciado pelas concepções positivistas, mostrava-se propício ao empreendimento de esforços

para a constituição de uma sociedade adequadamente instruída e desenvolvida. Nesse sentido, observa Mirian Cristina Freire Santos no ensaio intitulado “A hora e a vez dos demi-mondains”, “os homens de imprensa viam-se autorizados a proceder à civilização da sociedade, através dos meios de que dispunham”, sendo portanto o jornal “o instrumento de divulgação de textos educativos que enfocavam os mais variados assuntos” (CASTRO *et al.*, 1996, p.164). Assim, as ciências, a música, o teatro, a literatura, as belas artes, a religião, a moda etc. – elementos considerados civilizadores – eram tratados de forma a promover o enriquecimento intelectual e moral do público leitor, como também dos próprios jornalistas, conforme transparece no texto que segue, publicado no *Diário da Tarde*.

Está novamente a imprensa patricia preocupada com a triste situação moral da cidade, mudada, quase que de uma hora para outra, da patriarcal vida provinciana em que atravessou meio século para essa compostura de terra cosmopolita e alegre. Está a imprensa apontando as chagas e pedindo ao poder competente remédio eficaz para que não se contamine a sociedade toda. [...] É justo que se revolte o jornalismo contra o mal. A sua missão social é muito mais elevada do que essa limitada pelos interesses em conflito, oriundos do egoísmo dos homens. As questões morais devem atrair mais a atenção dos combatentes da imprensa do que esses desequilíbrios momentâneos dos orçamentos e essas vidas passageiras dos políticos da República. (18/10/1913)

O próprio jornal confirma sua importância e interferência nas formas de sociabilidade e na publicização de questões que envolvem o processo de (trans)formação da sociedade nas primeiras décadas do século XX por meio dos textos que faz circular. Campo de ação e expressão de ideias e tendências, a imprensa se confunde com a vida cotidiana paranaense, traduzindo e produzindo imagens do processo de organização da sociedade no período considerado.

Impressões e críticas do jornalismo

O percurso pelas folhas noticiosas do *Diário da Tarde* possibilita a descoberta e o reconhecimento de uma série de elementos socioculturais que podem traçar a atuação e a representatividade da imprensa no momento

em que acontece a Guerra do Contestado. Mas, além da identificação das relações entre o jornal e a sociedade paranaense, os textos também representam parte importante na reconstituição do jornalismo praticado na época, seja pelo modo como dialoga com o público e noticia os acontecimentos, seja, mais precisamente, pelo modo como o próprio jornalismo é tematizado nas páginas impressas.

Algumas referências evidenciam, em um primeiro momento, que a relação do periódico com determinados segmentos da sociedade não acontece de maneira tão harmônica quanto fazem parecer as cartas e colaborações dos leitores. Há, também, uma série de críticas ao modo como se faz jornalismo, ao apoio e/ou dependência de determinadas forças que incidem sobre a prática jornalística e ao ataque discursivo que se estabelece entre os jornais da capital, do Estado ou mesmo do País.

A divulgação das rotinas de produção do jornal, nesse aspecto, é relevante para ilustrar em que medida o posicionamento editorial do periódico é respaldado ou condenado pelo público. Em questões polêmicas, como é o caso do conflito envolvendo os sertanejos do Contestado, os militares e as forças políticas e econômicas, incidentes como o que aconteceu com o representante do *Diário da Tarde* em Rio Negro demonstram cenas de um conflito que é também discursivo, pois envolve e atinge diversas vozes em uma luta pelo sentido.

Assinados pelos senhores Bley Netto, Ricardo Costa, José Bley, Alfredo de Almeida e Alleluia Santos, recebemos um telegrama do Rio Negro protestando contra frases empregadas pelo nosso representante Santos Júnior, a propósito dos fanáticos. Esse telegrama, além de exigir a retirada do nosso correspondente, comunicava que a remessa do *Diário da Tarde* fora queimada pela população rionegrense, como represália à atitude do sr. Santos Júnior.

É claro que o *Diário da Tarde* não é responsável pelo sucedido e isto mesmo telegrafamos àquela comissão, ao mesmo tempo que providenciamos para o egresso do sr. Santos Júnior. Custa-nos crer que ele tivesse tido a atitude inconveniente de que é acusado, pois sempre deu provas do seu critério; por outro lado, os signatários do telegrama são pessoas de todo o conceito, aguardamos, pois, a chegada do sr. Santos para explicar o que houve. Em todo o caso, o *Diário da Tarde* tem dado tantas e tão decisivas provas de sua amizade à população do Contestado que não merecia o ‘auto de fé’

Recortes do tempo na escrita do jornal

que lhe foi feito em Rio Negro. Os rionegrenses, sentindo-se feridos por um nosso representante, poderiam limitar-se a trazer seu protesto a esta redação, que daria as providências necessárias sem maiores atritos, visto como só temos o desejo de continuar a gozar do mesmo apoio e simpatia que em toda a zona sempre nos foram dispensados. (31/08/1914)

As críticas manifestadas pelo público em relação ao posicionamento do jornalista mostram que o comprometimento do profissional às questões ideológicas acaba passando por uma espécie de avaliação popular, que o jornal procura mediar pacificamente. O conteúdo do texto privilegia a relação de cordialidade entre o jornal e a população do Estado, mesmo em momentos que parecem contradizer esta relação.

Igualmente interessante é descobrir pela leitura de textos jornalísticos a imagem predominante que se tem da figura do jornalista e das implicações de seu trabalho. Como alguém que preza pela verdade ou que se deixa comandar por forças maiores do poder, o profissional costuma aparecer em crônicas e artigos que avaliam seu comprometimento com os fatos nas mais diversas situações. O texto que segue, sob o título “O jornalista e o jornal”, expressa essa ideia e aborda elementos que permitem vislumbrar o consenso produzido em torno da atividade da imprensa.

Não há, seguramente, hoje em dia, profissão mais invejada e também mais denegrida do que a de jornalista. O público fala muito dessa classe, com admiração ou com despeito, mas, na verdade, conhece-a bem pouco. [...] Órgão complexo da vida moderna, motor, às vezes, do progresso, o jornal é um fator essencial de nossa época. E todavia, qual o pai de família que não teme, ao proferir a palavra jornalista. “Meu filho jornalista! Minha filha casada com um jornalista!” Ora, vamos, será uma profissão esta de conhecer tudo e toda a gente, beber em companhia de políticos e apertar a mão de bandidos! Entretanto, o pequeno repórter é, em geral, um tipo enérgico e leal e, às vezes, até heróico. E nenhum leitor, ao correr de manhã os olhos pela folha de sua predileção, suspeita sequer da esforçada perseverança e da audácia inteligente de que o repórter dá mil provas no desempenho da sua função. (27/09/1913)

Uma espécie de defesa – por vezes apaixonada – do “pequeno repórter” parece pautar a imagem do jornalista idealizada pelo *Diário da Tarde*.

Aliás, sobre esse aspecto, pode-se retomar a noção que o termo “campo polêmico” representa ou se deixa expressar nos próprios modos como o jornal também tematiza a imagem que alguns setores e grupos sociais têm dos então profissionais da comunicação impressa.

A expressão de perfis contraditórios do jornalista (que diferenciam o “pequeno repórter” dos já entregues aos vícios da profissão) também coincide com as características presentes na fase de consolidação da imprensa empresarial, no que diz respeito ao envolvimento do jornalista com os interesses em jogo. Contudo, alguns textos insistem em reafirmar o papel do profissional como um “portador de notícias” e um “gerenciador de anúncios”, destacando o cumprimento de uma função sem vínculo com seus desejos pessoais e conflitos com a linha editorial da empresa jornalística, conforme demonstra o texto que segue:

Na imprensa provinciana há ainda uns certos costumes de uma candura adorável. Entre eles esse de os mais ínfimos empregados do jornal se julgarem com o direito de intervir na sua orientação, promovendo interessantes protestos de agrado ou desgosto ao dono do jornal. Mas, meu Deus, o que vem a ser um repórter se não um agenciador, um portador de notícias, empregado como agenciador de anúncios? Um jornal é uma empresa industrial e comercial como qualquer outra. Imagine se, pois, uma casa comercial onde os caixeiros quisessem guiar os patrões na direção de seus negócios! Era uma anarquia, não? Assim o jornal moderno, onde cada auxiliar faz a sua tarefa, a tarefa que o patrão lhe determinou, sem se incomodar se a tarefa o agrada ou não, mesmo porque nem sempre a gente come só do que gosta. Enfim, vê-se que as coisas por aí ainda não andam tão difíceis. Ainda há lugar para arrufos de meninos! (09/01/1914)

Sem explicitar nomes e situações, o jornal condena desvios de conduta de jornalistas que ousam não comer o que não gostam; considerando este tipo de posicionamento um retrocesso ao jornalismo “moderno”, que consiste no cumprimento de uma tarefa pré-estabelecida, o texto traz peculiaridades sobre a relação (estimada) dos jornalistas com a empresa. Assim como o trabalho individual do jornalista passa pela avaliação do público, também a imprensa denuncia posturas engajadas ou oportunistas dos demais órgãos em determinadas situações, sendo ao mesmo tempo alvo de críticas dos demais periódicos.

Pelo que foi possível verificar nos periódicos observados, além das referências esparsas a outros veículos de informação, usadas para negar ou reafirmar a postura editorial do *Diário da Tarde*, um tema recorrente sobre a produção jornalística é a chamada “imprensa amarela”, uma adjetivação negativa dos jornais sensacionalistas. Embora os jornais não se assumissem como tal (e também o *Diário da Tarde* não menciona nomes ou grupos específicos), as críticas recaem sobre as estratégias de vendas avulsas resultantes da divulgação apelativa (e nem sempre verídica) dos fatos. Resgatando as origens e as características da “imprensa amarela”, o jornal paranaense publica:

A imprensa honesta, que procura criar e manter uma clientela pelo critério de suas idéias e pela abundância do seu noticiário, é às vezes obrigada – pela mesma razão porque se refere aos assassinatos, roubos, atentados ao pudor, lenocídio, isto é, por dever do ofício – a referir-se à imprensa denominada “amarela”, que busca ter venda avulsa explorando a curiosidade doentia que uma certa classe sente pelos escândalos nacionais. Geralmente, sabe-se o que é a imprensa amarela e isto basta para torná-la desprezível aos olhos de todos quantos evitem pôr o espírito em contato com obras sórdidas, pela mesma razão porque se distancia de um leproso ou foge de um “souteneur”. Em todo o caso, como é possível que haja por aí quem ainda ignore o que é esse gênero do jornalismo, achamos útil fazer uma rápida exposição de sua gênese e de seu estado atual.¹⁴

O Brasil – e dizemos louvando a Deus - não tem órgãos que se aproximem do “New York Herald” e do “The Worlk”. [...] Há, porém, jornais que procuram imitar, de modo relativo, a orientação dos dois arqui-pasquins norte-americanos, dois dos mais prósperos jornais do mundo. Sua “amarelise” não passa, entretanto, da esfera jornalística ou política, muito raramente beirando, de leve, o terreno social. Que nunca ninguém se lembre de fazer por aqui uma reprodução exata da imprensa amarela. Para nos nausear, basta, de sobra, o que já se tem feito por aqui. (26/12/1913)

14. O surgimento do que o jornal define como “imprensa amarela” deve-se ao jornal norte-americano “New York Herald”, de Gordon Bennett, que “denegria reputações”: “compraziasse na lama, deliciava-se na indignidade, reboleava-se na torpeza, tripudiando até sobre a honra das famílias”. Este tipo de sensacionalismo jornalístico criou um ambiente de disputa entre os demais jornais, fazendo que um jornal replicasse o outro com um escândalo ainda maior. Daí a contextualização da crítica na imprensa brasileira.

Dando continuidade às críticas a este tipo de imprensa, o *Diário da Tarde* publica uma série de textos sobre “o jornal amarelo” (julho de 1914), tecendo argumentos contrários ao jornalismo “desonesto” e apontando o modo como se estrutura e age a imprensa da época. Os textos e editoriais tratam, portanto, de percepções interessantes sobre os valores que incidem sobre a profissão e a forma como o jornalismo convive com as demandas de informação e opinião da sociedade.

Percebe-se, portanto, que quando o jornalismo discute o próprio jornalismo – seja pela imagem dos profissionais, seja por meio de críticas de leitores e determinados grupos sociais – o jornal passa também a tematizar sua própria conduta, na ousada busca de um padrão de crítica e norma de leitura sobre a imagem do profissional da notícia.

E, lembrando que um determinado produto ou discurso só tem sentido – na perspectiva de “lugar de fala” proposta por José Luiz Braga – se considerados, ou situados, alguns dos aspectos que efetivamente fazem que aquele produto signifique em um momento específico, torna-se fundamental ter presente o modo como o *Diário da Tarde* diz, veicula e institui valores e sentidos na construção dos acontecimentos referentes à Guerra do Contestado.

Estas e outras referências relacionadas ao *Diário da Tarde* permitem dizer que o jornalismo, sendo tematizado e projetado em meio a uma série de outras atividades e acontecimentos de interesse coletivo, figura como um importante componente da vida pública na década 1910, em seu poder de ação e expressão sobre as ideias e os fatos da época.

A partir deste enfoque, pode-se dizer que o jornalismo constrói um espaço próprio para testemunhar os acontecimentos – seja pela opinião expressa em crônicas, seja pelo atrelamento a determinados segmentos, seja mesmo impulsionando campanhas e definindo, por diversas vezes, as tendências e conflitos de determinados grupos sociais. Por meio da observação da imprensa da época, o jornalismo “explode”: em seu formato, em sua atuação direta ou indireta, como porta-voz das tensões governamentais e, de modo geral, como palco de divulgação das ideias que marcam o pensamento social de um determinado espaço e momento histórico.

O *Diário da Tarde* na memória do jornalismo paranaense

Ao investigar as diversas maneiras de dizer a construir a realidade, selecionando e organizando temas sobre os quais o jornal e seus leitores se ocupam, procurou-se demonstrar que o jornalismo consiste basicamente em uma prática social, ligada ao movimento histórico de formação e informação da esfera pública. No momento em que o próprio jornalismo conta sua história por meio das páginas impressas, revela que a prática discursiva integra uma sociedade, sua história. Do mesmo modo, ele também é história, ou melhor, ele está mergulhado em historicidade.

No entanto, este poder de asserção sobre a realidade verificado ao longo da trajetória do *DT* está condenado a cair no esquecimento. Depois de mais de um século de atuação, um dos jornais mais antigos do Estado apresenta-se bastante esquecido na história. De acordo com o jornalista José Carlos Fernandes¹⁵, autor de “Pequenas e grandes histórias de quem tem o que dizer” (2011), Francisco Cunha Pereira Filho, do grupo *Gazeta do Povo*, compra o *Diário* em 1963, incorporando inclusive seu maquinário (Marinoni). De fundamental importância em momentos de disputas políticas e decisões de interesse público, o periódico foi aos poucos, ao longo de cinco décadas, sendo apagado da memória da capital paranaense.

De acordo com Rui João Staob¹⁶, que atuou como jornalista da *Gazeta do Povo* e como editor do *Diário da Tarde*, o jornal entrou para a rede como o segundo maior na década 1960, assumindo um estilo crítico e “popular”, privilegiando assuntos policiais, esportivos e de utilidade pública, que teve seu auge na década 1970, quando atingiu uma tiragem de 16 mil exemplares. “A trajetória de um jornal crítico, que marcou presença na vida dos paranaenses, está encerrada”, relata Staob.

Adotando o formato tablóide a partir de 1983, o jornal – conhecido como *Diarinho* – entrou no século XXI com uma tiragem reduzida, circulando de terça a sexta-feira. Do *Diário da Tarde* de mais de cem anos atrás permaneceu a seção para listagem de falecimentos, divulgada pelo Serviço Funerário Municipal, e a última página para assuntos de entretenimento – o “Diário Caricato”, ilustrado por Xixo Fernandes. Com chamadas inusitadas e um estilo “popular” de construir as notícias, o jornal paranaense

15. Informações disponibilizadas à autora em 2013.

16. Entrevista realizada por telefone em abril de 2001.

dá sua modesta contribuição na divulgação dos acontecimentos, enquanto aguarda o momento de sair de cena.

Atualmente, o *Diário da Tarde* continua em circulação, mas apenas com uma edição mensal de 8 páginas e tiragem de míseros 400 exemplares, conforme relata o jornalista Irineo Netto¹⁷. O jornal publica editais públicos e reproduz textos da equipe da *Gazeta do Povo*, basicamente das editoriais de Esporte e Vida e Cidadania. A publicação é mantida, segundo o jornalista José Carlos Fernandes, para manter a cota de papel da empresa *Gazeta do Povo*, o que justifica a edição com material “frio”.

Folhear duas versões diferentes de jornalismo que se distanciam em mais de um século consiste em apreender o sentido histórico do trabalho discursivo e perceber, da mesma forma, o modo como o jornalismo traduz as necessidades e tendências sociais de cada época. Embora tenha desaparecido da vida da capital, o jornal preserva em suas páginas momentos expressivos da história do Estado, especialmente no que diz respeito aos desdobramentos da Guerra do Contestado e à compreensão do conflito pelos diversos grupos que disputam sentidos nas páginas impressas.

Assim, percorrendo as temáticas e formas de dizer do *Diário da Tarde* nos anos de 1912 a 1916 – assim como a relação que se estabelece entre o jornal e a sociedade, as “intromissões” do povo nas páginas impressas e o acompanhamento e participação da imprensa no processo de desenvolvimento e descoberta da capital paranaense –, acaba-se por entender que a prática discursiva do jornalismo, sob a alegação de estar informando, opinando e interpretando, vai constituindo sentidos e produzindo história; uma percepção fundamental para a compreensão e o questionamento da produção e dos efeitos de sentido construídos nas diversas situações em que a Guerra do Contestado é falada, representada e repercutida nos jornais históricos.

17. Informações disponibilizadas à autora em 2013.